

**COLA NO FACEBOOK:
O PODER DA MOBILIZAÇÃO ONLINE E DAS TÁTICAS DE PRATICANTES**

Aline Weber¹

Resumo

Esse texto tem por objetivo discutir os usos que jovens fazem das redes sociais na Internet, em especial do Facebook, a partir do caso noticiado pelo Jornal Hoje, no dia 11 de junho de 2011: *Aluna divulga resultado de lição de casa em rede social e cria polêmica*. Com a emergência das redes sociais na Internet, vivenciamos novas formas de comunicação que alteram a forma dos jovens estarem dentro e fora da escola. Desta forma, pretende-se discutir a partir de uma narrativa, como o Facebook pode afetar o instituído pela escola. Para essa análise utilizaremos o referencial teórico trazido por Certeau (2009), para a compreensão das artes do fazer com: usos e táticas, de forma a dialogar com o cotidiano de praticantes do Facebook. Também destacaremos a importância da existência de referenciais de compreensão de nossos sujeitos praticantes do Facebook na contemporaneidade, levando em consideração o contexto comunicacional da cibercultura, dialogando com Castells (1995), Santaella (2010), Levy (1999) e Lemos (2002).

Palavras-chave: Facebook, usos, táticas, redes sociais

¹ Mestranda em Educação do PROPED-UERJ, Linha de Pesquisa “Cotidianos, redes educativas e processos culturais” e membro do GPDOC – Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura. E-mail: alinewebersop@gmail.com

1. A cola caiu nas redes sociais. Facebook pra quê?

Recentemente, o Jornal Hoje² noticiou o uso do Facebook por uma aluna de escola particular da zona sul do Rio de Janeiro, como forma de socializar as respostas das tarefas propostas para serem realizadas em casa. Segundo informou o jornal, a aluna e mais 700 colegas utilizavam o software social para dividir soluções de exercícios, conferir gabaritos e discutir possíveis resoluções para os problemas apresentados como tarefa de casa.

O Jornal O Dia online³ usou a manchete *Cola entre alunos no Facebook vira caso de polícia*, trazendo no corpo da matéria as seguintes informações:

“Eles tinham esse site onde trocavam informações sobre exercícios que vinham de dever de casa para entrega após uma semana e valiam ponto. Quando a diretora descobriu, mandou minha filha apagar, dizendo que eu e ela poderíamos ir presas por crime cibernético. Mandou ela para casa no horário escolar, sem me chamar lá, deu suspensão de 5 dias e nota zero em provas. Os outros 700 que estavam no site não sofreram repressão alguma.”

O presente artigo não tem por objetivo fazer um juízo de valor sobre a atitude da aluna e dos colegas usuários do referido perfil no Facebook, nem tampouco avaliar a conduta tomada pela escola, mas discutir a entrada das redes sociais na escola a partir das táticas de praticantes⁴, contextualizando o cenário sócio-técnico vivenciado na contemporaneidade.

² Disponível em <http://g1.globo.com/videos/jornal-hoje/v/aluna-divulga-resultado-de-licao-de-casa-em-rede-social-e-cria-polemica/1532677/>

³ Disponível em http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2011/6/cola_entre_alunos_no_facebook_vira_caso_de_policia_17_0328.html

⁴ Certeau (2009)

1.1. Compreendendo o cenário sóciotécnico contemporâneo

A expressão “sociedade em rede” adotada por Castells (1999) refere-se a uma sociedade onde os fluxos de informações definem formas diferentes de relações sociais, repercutindo novas formas de estarmos em sociedade. Segundo afirma, as maiores mudanças trazidas pelas novas tecnologias são sociais:

“As origens e as trajetórias das maiores mudanças tecnológicas são sociais. A aplicação da tecnologia está determinada, como está socialmente determinado o efeito retroativo das conseqüências sociais de suas aplicações. Uma vez que temos supostos esses pontos fundamentais, penso que ainda é importante centrar-se sobre os efeitos específicos desta revolução tecnológica na estrutura social para entender o novo surgimento do sistema social.” (Castells, 1995: 11)

É no contexto de um novo surgimento de um sistema social que precisamos compreender as experiências vivenciadas pelos praticantes do Facebook. O contexto atual é marcado por transformações em todos os segmentos da vida social, onde as novas tecnologias da informação e comunicação deixam de ser apenas extensão⁵ de nossos sentidos e passam a constituir a centralidade de uma inteligência coletiva⁶.

Na contemporaneidade vivemos a hipertextualidade, como afirma Lemos (2010), sendo o ciberespaço⁷ o hipertexto mundial interativo, constituindo-se por um texto vivo, não-linear, no qual a possibilidade de interatividade muda a lógica de comunicação. Assim, o movimento do faça por você mesmo ganha força na medida em que esse novo contexto das novas tecnologias, segundo Lemos (2010), permite a interação não somente com o objeto, mas também com a informação e com o conteúdo.

As mídias pós-massivas, caracterizadas por trocas bidirecionais de mensagens, favorecem a constituição do estar em rede, intensificam processos de comunicação, onde qualquer praticante, conectado, pode produzir e publicar informação, manifestando interesses, desejos e subjetividades. A liberação do pólo de emissão nos torna produtores de informação, como aponta Lemos (2007):

As mídias de função pós-massiva, por sua vez, funcionam a partir de redes telemáticas em que qualquer um pode produzir informação, “liberando” o pólo da emissão, sem necessariamente haver empresas e conglomerados econômicos por trás. [...] O produto é personalizável e, na maioria das vezes, insiste em fluxos comunicacionais bi-direcionais

⁵ Kerckhove, Derrick de. A pele da cultura, São Paulo: Annablume, 2009

⁶ Segundo Lévy a inteligência coletiva é um dos principais motores da cibercultura.

⁷ Para Lévy, “o ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.” (LÉVY, 1999, p. 15)

(todos-todos), diferente do fluxo unidirecional (um-todos) das mídias de função massiva. (LEMOS, 2007, p.125)

A cibercultura, entendida aqui a partir da concepção de Lévy, “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”, potencializa os usos das redes sociais no nosso cotidiano.

1.2 A emergência das redes sociais

O termo rede é polissêmico. Seu uso está em toda parte servindo como metáfora às mais variadas situações, ocasionando por vezes um esvaziamento de sentidos. Segundo Musso (2004), *a rede é um receptor epistêmico ou um cristalizador, eis por que tomou, atualmente, o lugar de noções outrora dominantes, como o sistema ou a estrutura.*

A idéia de rede não surgiu com a cibercultura, é anterior a ela. Apesar de na contemporaneidade estar associada às tecnologias da informação e comunicação, rede pode ser entendida como uma forma de comunicação, articulação, associação. Musso(2004) propõe o seguinte entendimento para a idéia de rede: *é uma estrutura de interconexão instável, composta de elementos em interação, e cuja variabilidade obedece a alguma regra de funcionamento* (Musso, 2004, p.31). Assim, a cada instante redes são feitas e desfeitas, em constante devir.

Uma rede se organiza a partir de um movimento constante, relacionado à ideia de fluxo, não possui um centro, sendo uma organização baseada na horizontalidade, em que cada nó dessa rede acontece em função da participação de seus atores, com suas especificidades e subjetividades. Castells(2003) afirma que:

“Uma rede é um conjunto de nós interconectados. A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet. As redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação..”(CASTELLS, 2003, p.7)

Com a intensificação do uso da Internet, a comunicação mediada pelo computador cresceu, fazendo com que surgissem novas interfaces com potenciais comunicacionais, como por exemplo o software social Facebook. Segundo Recuero (2009, p.24), *uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores*

(pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais

De acordo com o site de estatísticas socialbakers⁸, a participação do Brasil no Facebook aumentou em 11% no mês de maio de 2011, atingindo um número de 19 milhões de usuários. No Facebook os usuários possuem um perfil, através do qual podem ser localizados por outros usuários do software social, de forma a ampliar sua rede de amizade, estabelecendo conexões, laços sociais que, segundo Recuero (2009), podem ser do tipo associativo ou do tipo relacional. Os laços relacionais acontecem via relações sociais e por meio da interação entre os atores de uma rede social. Os laços associativos independem de uma interação, bastando o pertencimento a algum tipo de grupo.

As atividades praticadas no Facebook são designadas pelo verbo *facear*⁹. Nesse espaço, usuários podem dividir suas ideias, sentimentos, opiniões evidenciadas por postagens, usos de aplicativos, comentários, utilização e criação de álbuns de fotos, vídeos, além do recurso do bate-papo. É nessa possibilidade de uso, que o Facebook chega à sala de aula.

O uso do Facebook como potência comunicacional vem somar-se à sala de aula, ampliando as relações de um determinado grupo social, como afirma Santaella (2010):

“Sem substituir as formas mais tradicionais de comunicação organizacional, as redes sociais virtuais podem a elas se somar, incrementando sobremaneira as relações coletivas que fundamentam as organizações, pois a internet constitui-se em uma via alternativa bastante eficaz para o envolvimento em grupos sociais.” (SANTAELLA, 2010, p.278)

Com a Web 2.0, a comunicação colaborativa ganha força, possibilitando o trabalho participativo. Percebemos na dinâmica dos movimentos do Facebook a inexistência de um controle ou comando, assumindo assim um comportamento auto-organizativo, característica dos sistemas complexos¹⁰, agilizando a comunicação entre as pessoas, aumentando as conexões.

⁸ <http://www.socialbakers.com/blog/171-facebook-is-globally-closing-in-to-700-million-users/>

⁹ Significa o uso dado por cada praticante ao software social

¹⁰ Segundo Santaella (2010) os sistemas complexos possuem as seguintes propriedades: emergência, auto-organização, conectividade, coevolução, regras simples, variedade, espaço de possibilidades, subotimização, iteração, limiar do caos e estruturas dissipativas

2. Do estar em rede ao colar em rede: as astúcias no Facebook

Quando o Facebook foi criado, por Mark Zuckerberg, em seu quarto na Kirkland House de Harvard, em 2004, não poderia imaginar os usos que lhe seriam atribuídos. Para além da comunicação entre universitários, o Software tomou uma proporção grandiosa, dando a seus praticantes a possibilidade de um poder comunicacional por vezes desestabilizador. É nesse contexto que narramos aqui o uso do Facebook como possibilidade de cola entre os alunos de uma escola particular da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Os clássicos papéis da mídia de massa estão sendo desempenhados por todos. Ao mesmo tempo podemos ser editores, criadores de conteúdo, produtores e distribuidores sem que para isso precisemos de uma habilidade específica. Isso modifica a forma como nos relacionamos com as instituições sociais, pois os praticantes das redes passam a ter um poder antes impensável.

Assim, um grupo de jovens pode decidir usar uma interface para socializar os trabalhos escolares, subvertendo o instituído pela escola, evidenciando a característica auto-organizativa do Facebook. Desta forma, o mergulho no cotidiano nos mostra as *artes de fazer*, os usos e as táticas desenvolvidas pelos sujeitos praticantes de uma rede social. Mergulhar no cotidiano é inventariar as possibilidades das práticas que se colocam para produtores e consumidores por meio de suas produções. Assim temos que:

“diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como “consumo”, que tem como característica suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas “piratarías”, sua clandestinidade, seu murmúrio incansável, em suma, uma quase invisibilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios (onde teria o seu lugar?), mas por uma arte de utilizar aqueles que lhe são impostos.” (Certeau, 2009, p.88-89)

A concepção de produtor e consumidor em Certeau (2009) está além da ideia binária de que os consumidores assimilam passivamente aquilo que os produtores produzem. A diferença se coloca na forma como cada um se apropria do produto, por meio de táticas e de estratégias. O produto dos consumidores é dado pelos usos atribuídos.

Táticas e estratégias são conceitos utilizados por Certeau (2009) para ajudar a compreender a relação que se dá entre produtor e consumidor. Por estratégia Certeau (2009, p. 93), concebe *o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se*

torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado.

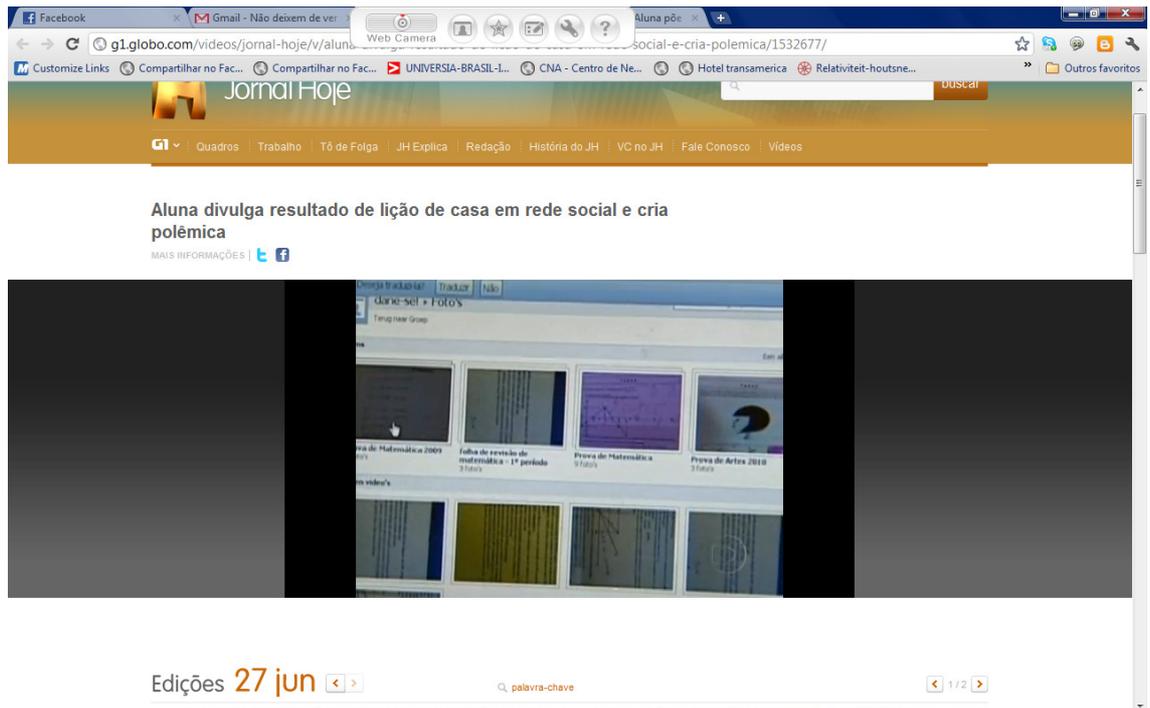
Dentre as muitas estratégias adotadas pela escola, está a tarefa de casa. Já instituída como prática de uso regular, cujos objetivos variam de escola para escola, legitimiza os saberes disciplinares postos em sala de aula. No caso aqui analisado, da cola no Facebook, estamos diante de uma instituição que valoriza a tarefa de casa atribuindo-lhe um valor, um peso na constituição da nota final do aluno.

Diante disso, da estratégia *tarefa de casa*, encontramos a possibilidade das táticas, instituídas pelos praticantes dessa *tarefa de casa*, as táticas dos alunos que, para darem conta do instituído, burlam, criam usos outros que possam dar conta da finalidade última: apresentar uma tarefa feita. Mas como? Em que condições?

Assim temos as táticas, a arte do fraco, realizadas no espaço do forte. O poder das táticas está exatamente na imprevisibilidade. Teria a escola imaginado que seus alunos trocavam informações sobre as tarefas via Facebook? Certeau (2009), entende tática como:

“a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia Von Bullow, e no espaço por ele controlado.” (Certeau, 2009, p. 94)

Na tela abaixo, extraída do Jornal Hoje, observamos algumas das táticas dos praticantes:



No contexto narrado, podemos pensar na tarefa de casa como um jogo de estratégia e tática, um jogo no qual produtores (escola) implementam a tarefa de casa como estratégia na consolidação dos saberes disciplinares instituídos e, consumidores (alunos), produzem usos e sentidos diferentes àqueles atribuídos às tarefas de casa, via Facebook.

Nas táticas dos praticantes do Facebook, que reconhecemos as ações que reinventam esse fazer curricular, ações essas caracterizadas pelas astúcias empregadas, indo além daquilo que é instituído pela escola como o legítimo na construção dos atos de currículo.

Através das ações dos praticantes, podemos compreender de que forma, no currículo, as táticas, práticas cotidianas introduzem-se por surpresa numa ordem, nesse caso, a ordem escolar. Assim temos que:

“As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos.” (CERTEAU, 2009, p. 96)

3. Quem não cola não sai da escola. Quantas colas são necessárias?

Procuramos problematizar no presente artigo as relações entre o instituído e o instituinte, potencializado pelos usos das redes sociais.

Num golpe, a escola se vê diante de uma nova situação: como lidar com os usos que jovens fazem, das redes sociais, para dar conta das estratégias criadas pela escola? As ações acontecem nos espaços cotidianos, entendendo aqui o Facebook como espaço cotidiano do praticante da cibercultura. Nessas circunstâncias, os praticantes transgridem e desenvolvem táticas, definindo os modos de usos. São as “artes do fazer” dos alunos que, em contraposição ao lugar da reprodução, realizam operações de usos.

Referência Bibliográfica

ALVES, N. OLIVEIRA, I. BARBOSA. (orgs.) **Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. In: Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes, Petrópolis: DP&A, 2008

CERTAUEU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002

MUSSO, Pierre. *A filosofia da rede*. In: Parente, A. (org). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009

SANTAELLA, L. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiqüidade*. São Paulo: Paulus, 2010.